

## **(IN)VISIBILIDADE SOCIAL: O JOGO DRAMÁTICO ENTRE VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE DOS ATORES SOCIAIS**

**Autor: Gilson Rodrigues(Bolsista do PET/CS/UFRN)**

**Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Alípio de Souza Filho**

Antes de conceituar o que chamamos de *invisibilidade social*, devemos nos deter no que é visibilidade sob uma perspectiva sócio-anropológica. Não desejamos aqui ignorar outras abordagens, porém faz-se necessário um recorte teórico. Para isto é importante a compreensão sobre a concepção ocidental de indivíduo e sociedade. De acordo com Norbert Elias: “Tanto indivíduos quanto a sociedade conjuntamente formada por eles são igualmente desprovidos de objetivo. (ELIAS, 1994)”. Faz-se necessário compreender também, que esses dois termos têm sido constantemente utilizados nos discursos ideológicos (políticos e acadêmicos). Aqueles que se prendem ao discurso ideológico do individualismo se opõem à idéia de teia social, como se houvesse uma real relação de oposição. Isto se dá, em boa medida, porque permanece no inconsciente coletivo da maioria das pessoas, o discurso mitológico de que tudo, toda a raça humana, veio de uma única pessoa, da qual todos são herdeiros. Tal discurso não se encontra só na história

bíblica, mas em conceituações, num dado momento histórico, tidas como científicas, como é o caso da idéia de “homem primitivo” e de “pai originário”. Pode ser dito, então, que a idéia de indivíduo como, o ocidente concebe, foi construída ao longo das relações sócio-históricas.

Nossa proposta não é nos limitarmos à idéia de indivíduo, mas trabalharmos o conceito de sujeito, entendendo este como tendo necessidade de ser visualizado, estabelecendo relações dialógicas “de igual para igual”, mas que se depara com a dificuldade de ver isso efetivado, pois a sociedade pré-existente a ele, foi construída através de relações de poder naturalizadas, havendo, nisso, a violência simbólica<sup>1</sup>.

O termo invisibilidade social pode parecer estranho ao primeiro contato, porém, o primeiro conceito que nos chamou atenção parte das reflexões e pesquisa do psicólogo social Fernando Braga da Costa<sup>2</sup>, que percebeu como as relações trabalhistas influem em relações onde a alteridade inexistente, pois se deixa de enxergar os sujeitos como seres transformadores e pensantes, tornando-os homens-ferramenta. De acordo com Braga (BRAGA, 2004) invisibilidade pública (termo usado por ele) vem de uma percepção humana prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, ou seja, enxerga-se somente a função e

---

<sup>1</sup> Termo usado por Pierre Bourdieu para designar a ação do poder naturalizada na cultura, agindo sobre os sujeitos, mas na maioria das vezes não percebida por esses.

<sup>2</sup> Psicólogo social que varreu as ruas da USP para concluir sua tese de mestrado da "invisibilidade pública".

não a pessoa. Porém, acreditamos que tal fenômeno se estende às relações sociais como um todo, e não se limita somente à divisão social do trabalho, como detalharemos melhor mais adiante.

De acordo com o professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Luiz Eduardo Soares, uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma que decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. Quando isto é feito, a pessoa é anulada, pois passa a ser vista como reflexos do nosso etnocentrismo, pois se ignora tudo aquilo que o sujeito é enquanto alguém carregado de subjetividade (coletiva<sup>3</sup>), idiosincrasias, enfim tudo aquilo que faz dele um ser humano único. De acordo com Soares o estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. Esta imposição é feita, de acordo com Norbert Elias, pelo grupo estabelecido<sup>4</sup>, o outro-acima, que naturalizou a ação invisibilizadora sofrida pelo outro, pertencente ao grupo outsider<sup>5</sup>. Estigmatizar alguém é uma *violência simbólica*<sup>6</sup> tão grande que, segundo Soares, é como esta a acusando de existir, simplesmente porque não se encaixa na “normalidade” (o anormal não merece ser

---

<sup>3</sup> Termo usado por José Domingues...

<sup>4</sup> Termo usado Norbert Elias, traduzido, aqui, do termo inglês *established*, usado para se referir ao grupo pelo qual o poder se manifesta de forma clara, impondo seu modo de ver a outros grupos.

<sup>5</sup> Termo também usado por Elias para caracterizar o grupo que sofre a imposição, estigmatizado como anormal pelos estabelecidos.

<sup>6</sup> Termo usado por Bourdieu para caracterizar a violência não declarada, fruto de relações de poder naturalizadas, isto é, através do arbitrário cultural.

visto), ou porque não faz parte do grupo tido como elite em certo contexto.

Outra forma de invisibilidade é, ainda citando Soares, a causada pela indiferença, e esta atinge uma maioria da população. Como exemplo ele afirma: “Como a maioria de nós é indiferente aos miseráveis que se arrastam pelas esquinas feito mortos-vivos”, eles se tornam invisíveis, seres socialmente invisíveis<sup>7</sup>.”O autor afirma, baseado na atitude blasé<sup>8</sup> de Simmel, que essa indiferença não implica em uma falta de sensibilidade ao outro, mas “(...)trata-se de um mecanismo adaptativo. Ele funciona sem a nossa autorização e às vezes contra a nossa vontade consciente. Serve para proteger-nos. Para salvar-nos do que é doloroso. Para livrar-nos da dor alheia e poupar-nos do sofrimento”. Tal idéia tem profunda relação com o conceito de economia psíquica de Simmel.

As pessoas transitam invisíveis pelas ruas, todos nós fomos e somos em algum momento de nossas vidas seres invisíveis. Existe um jogo de invisibilidade e visibilidade. Nunca estamos em um das duas situações isoladamente. Um grupo de pessoas pode ser invisível dentro de determinado *campus*, mas entre si estarão visibilizadas, assim como quando deixam este *campus*, e vão para um outro onde estejam “em casa”, sendo chamados pelo nome, não são mais invisíveis socialmente.

---

<sup>7</sup> SOARES

<sup>8</sup> SIMMEL

Existe uma relação de entre a invisibilidade social e a construção da identidade do sujeito. Esta só existe no espelho, que é o olhar dos outros, o reconhecimento dos outros. O próprio auto-reconhecimento do *eu, construído socialmente depende do reconhecimento do Outro. De acordo com Lévinas “o eu se conhece, sem dúvida, como refletido por toda a realidade objetiva que constituiu ou para a qual contribuiu; portanto, ele se reconhece a partir de uma realidade conceitual.”*<sup>9</sup> (LÉVINAS, 2005). Desta forma podemos considerar que a identidade só existe no espelho, que é o olhar dos outros. Sendo na generosidade do olhar do outro que temos evolvido nossa própria imagem ungida de valor, recebendo significação como humano, da qual a única prova é o reconhecimento alheio, do olhar dos outros. Olhar que vê, mesmo sendo um gesto simples, banal, mas não mecânico, enfim, consistindo na mais importante manifestação gratuita de solidariedade e generosidade que um ser humano pode prestar a outro(SOARES). A invisibilidade que nos anula é sinônimo de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor, falta também desse olhar, ao acontecer, é capaz de restituir ao outro, potencialmente, o privilégio da comunicação, do diálogo, da troca de sinais e emoções, da partilha de valores e sentido, da comunhão da linguagem. Sem os olhares que *vêem*, que

tecem as ligações entre as pessoas, não existiria aquilo que chamamos sociedade.

A pergunta que passa nos incomodar depois do contato teórico com algumas *invisibilidades* é: O que é, para a nossa pesquisa, invisibilidade social? Antes de darmos uma resposta, que não nos parece simples, faz-se importante explicar que tentamos, depois da pesquisa teórica, agregar a “nossa” definição elementos que consideramos comuns, ou pelo menos complementares das outras. Também não acreditamos em definições fechadas, ou que contenham todas as respostas (Isto aqui não nenhum texto “sagrado”), mas em uma que corresponda aos nossos interesses acadêmicos temporais. Portanto trabalharemos com a seguinte perspectiva: relações sociais onde os sujeitos não têm a sua capacidade cognitiva reconhecida, sendo privado de relações dialógicas, em determinado campus, como consequência das relações de poder, evidenciada na interação com outros grupos sociais. A isto chamamos *invisibilidade social*.

Nos propomos a estudar o fenômeno da invisibilidade social como algo dissolvido nas sociedades, ligado diretamente as relações de poder, buscando mostrar com exemplos empíricos, através de instrumentos antropológicos, a presença da invisibilidade social em todos os campus da sociedade.

O fenômeno aqui estudado só é possível onde exista a divisão de classes, formando relações hierarquizadas, mesmo que inconscientes (já naturalizadas, pois fazem parte do *habitus*).

O outro que parte daquilo que temos chamado de “teia social”, isto implica dizer que existe entre o “eu” e o “outro”. Percebemos que os agentes sociais (participantes dessa teia) muitas vezes não percebem as formas impessoais instrumentalistas que tratam o “outro”, e que este se submete, passando a ser usado como mero instrumento a serviço desse “outro”, deixando para se relacionar “como gente” com aqueles que considera “igual”. Isto não implica dizer que não há incomodo nessa relação. O existir para o outro, sendo reconhecido subjetivamente, não simplesmente na totalidade, é algo de suma importância para o ser humano, que mesmo vivendo em meio as massas, busca uma forma de “ser diferente”(Simmel, 1950. p. 22), isto é de ter a sua subjetividade coletiva reconhecida.

Apesar de percebemos que muitas vezes o fazer do outro um ser invisível é uma ação inconsciente (É “natural”), este não recebe tal invisibilidade inconscientemente”. Ele a percebe, mas dificilmente existe uma um *se-fazer-ver* fora da sua “classe”, onde dá e recebe uma identificação.

De forma alguma estamos querendo discutir o porquê dessa aparente falta de reação, pois existem as ações institucionais sobre os sujeitos, mas queremos atingir a

percepção que este sujeito tem da sua invisibilidade, e também como se dá para ele a passagem de invisíveis para visíveis

Nos propomos a ter como objeto de pesquisa as pessoas que trabalham na limpeza do Shopping Midway, o maior shopping de Natal-RN. Não iremos nos concentrar na questão da divisão social do trabalho, simplesmente, mas partindo desse grupo queremos estudar a presença da ação invisibilizadora, que não está presente o tempo todo, pois sendo um ser com capacidade cognitiva e dialógica, o sujeito social vai ser invisibilizado em um determinado campus, exercendo determinado habitus, mas em outro estará visibilizado. Por exemplo, as pessoas que trabalham limpando as mesas do shopping, quando terminam o seu expediente, e já sem uniforme se dirigem para suas casas, onde já não são o “*limpadoras*”, mas são chamadas pelo nome, e tratadas como amigas).

- **Objetivos:**

Que percepção elas têm do seu trabalho? O que elas acham da função que exercem? Que “sensações” elas têm ao deixá-lo? Como se dão as relações de poder dentro das funções exercidas nesse *campus*? E finalmente, quem são elas fora do seu ambiente de trabalho?

Essas são perguntas que nos inquietam (em especial as duas últimas) e são o cerne de nossa pesquisa, e que não alimentamos a ilusão de conseguirmos respondê-las em sua

totalidade, não por modéstia ou por falta de vontade, mas por limitação da qual sofrem incoformadamente todos os homens.

- **Resultados:**

Por se tratar de uma pesquisa em andamento que esta no início, optamos por não apresentarmos resultados por nós considerados incipientes. Entendemos que estaríamos sendo academicamente irresponsáveis, já que agora que estamos começando a fase da pesquisa, que consideramos a mais importante, que é a observação participativa. Nesta iremos trabalhar de forma não remunerada com as pessoas que fazem parte do grupo estudado, com o objetivo de relatarmos, também, nossas impressões, assim como nos aproximarmos do nosso objeto de pesquisa, de forma a, seguindo os conselhos de Bourdieu, minimizarmos a violência simbólica das entrevistas. Mas não acreditamos que tal violência acabe, pois somos pesquisadores, anormais para aquele contexto. Não pretendemos estar disfarçados, mas deixar que as pessoas, que compõem nosso campo de pesquisa. Sem obviamente, cair na psicologia social, mas abordarmos através de uma perspectiva socioantropológica (já que não acreditamos nessa dicotomia).

- **Considerações finais**

Acreditamos que as ciências sociais precisam estar mais próximas das “pessoas de verdade”, por isso ao nos

depararmos com esse tema entendemos que tem grande relevância não só para a academia, mas para uma possível reflexão das sociedades ocidentais.

Não acreditamos em dogmas, ou melhor, em construções acadêmicas que respondam todas as respostas, mas a construção do sujeito, a modernidade e a invisibilidade social, nos parecem ser temas que se relacionam de forma dialética.

Temas “novos” nos trazem um desafio enorme, diante dos obstáculos, mas diante dos estranhamentos que nossa pesquisa tem se deparado, acreditamos que este é um caminho interessante a se percorrer, pois refletem nossas inquietações.

**(IN)VISIBILIDADE SOCIAL: O JOGO DRAMÁTICO ENTRE  
VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE DOS ATORES SOCIAIS**

**Autor: Gilson Rodrigues(Bolsista do PET/CS/UFRN)**

**Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Alípio de Souza Filho**

- **Resumo:**

A pesquisa trata do início de um estudo sobre as relações sociais que permeiam o imaginário dos sujeitos que trabalham na limpeza do Shopping Midway, o maior de Natal-RN. Tais pessoas (outsiders) estão invisíveis na perspectiva da maioria dos frequentadores (estabelecidos), estando visíveis na perspectiva daqueles que, em determinados campos, os reconhecem. Por isso definimos a invisibilidade social como sendo: relações sociais onde os sujeitos não têm a sua capacidade cognitiva reconhecida, sendo privado de relações dialógicas, em determinado campo, como consequência das relações de poder.

e-mail: nosligjr@hotmail.com